

# O TEMPO E A MEMÓRIA NA ESSÊNCIA SUPREMA SEGUNDO ANSELMO DE CANTUÁRIA

Amanda Alcântara

Aluna do Curso de Filosofia – Universidade Mackenzie

## **Introdução**

Tendo em vista o modelo filosófico escolástico medieval, bem como um de seus maiores representantes, Anselmo de Cantuária (1033-1109), serão dadas algumas considerações, das muitas possíveis, de seu *Monólogo*, com relação ao tempo e a memória.

Ambos ligados ao conceito de “essência suprema”, que por sua vez, se remete ao próprio Deus, Deus este dotado da memória de si, porém existente de modo atemporal.

## **Sobre contexto, e raiz dos conceitos em Monólogo**

Para tratar da filosofia de Anselmo, primeiramente é necessário contextualizá-la em seu próprio tempo, a Idade Média, que remonta a cerca dos séculos V-XV, marcada pela forte presença da Igreja Católica em âmbitos gerais da sociedade europeia.

Os filósofos desse momento não contradizem os princípios cristãos tão comuns a época, pelo contrário, estruturam provas (seja da existência de Deus, ou de uma natureza infinita não definida) por meio da argumentação ontológica.

Em Anselmo, o tempo da essência suprema não pode ser quantificado, pois nela não há princípio, e por tanto não há fim. Fato que se torna claro quando discorre Anselmo sobre (1973, p. 37) o que não recebeu a existência nem por si, nem por outro, nem pelo nada nem do nada. Se o tempo não tem

princípio ou fim, naquilo de que se fala (primeiramente como essência, e posteriormente como Deus), caminha então de encontro ao pensamento agostiniano de que o próprio Deus criou o tempo, e por tê-lo criado não para si, mas para as criaturas, o mesmo não se aplica a sua imortalidade.

Pode-se também constatar pela procedência lógica a onipresença e onisciência de Deus, pois se tomada como verdadeira sua existência objetiva numa "causa primeira", e a existência de sua essência; vivenciada primeiramente num âmbito intelectual, e por que não dizer impressa na razão humana, independente de um determinado tempo ou lugar esta ideia reside neste mundo, (mesmo com variações de sentido): do contrário a essência existiria, não, de modo simultâneo, mas conforme sua capacidade de ser e estar limitadas, o que não compete às características de algo (essência), ou alguém (Deus) supremo. Em suma, visando às proposições expostas em *Monólogo* no capítulo XX, e a composição racional do juízo dedutivo proposto sabe-se por conveniência "[...] como ela não existe em nenhum lugar e tempo determinadamente, é necessário que exista por toda parte, e sempre, isto é em todo lugar e tempo" (ANSELMO, 1973, p.41).

### **Sobre a existência da memória no espírito supremo, e da atemporalidade no amor**

Anselmo entende Deus como tendo compreensão de si, e amando a si, na grandiosa proporção de sua existência, desse modo, explanando este pensamento, faz sentido pensar que seu amor é também tão grande quanto todas as suas qualidades; e sendo bom em si, e proveniente da própria essência da natureza suprema, é imutável, o tempo não possui ação sobre ele, mas faz dele o próprio Deus (em essência), ama com supremacia, e representa o amor em si fora do tempo, o amor da essência suprema existe antes do tempo, por que é obra do "coração" de Deus.

A memória ou a inteligência de qualquer coisa seria, pois, dispensável e totalmente inútil se, como a razão o exige, a própria coisa não fosse amada ou reprovada. Por tanto, assim como o espírito supremo recorda a si mesmo e compreende a si mesmo, assim, igualmente, ama a si mesmo. (ANSELMO, 1973, p. 73).

Nesta passagem, entendemos que memória é uma fonte limitada de lembranças, contudo lembrar algo só faz sentido em nossa racionalidade, se acompanhado de juízos sobre os pensamentos a ela vindos; é necessário saber diferenciar uma lembrança boa, de outra ruim, por exemplo. Ao mesmo tempo, que para constituir uma noção válida do bom e do ruim, precisamos ter lembranças remetentes a isso, mesmo que esse julgamento seja apenas um conhecimento vulgar, e particular.

### **3. Conclusão**

Santo Anselmo nos ensina por lógica, aquilo que aprendeu pela fé. Sua filosofia não apenas nos convida a pensar tempo e memória os referendando a Deus, ao contrário por meio dela obtemos tais concepções inseridas em cada ser humano; como nos utilizamos da memória para apreender o tempo e tudo mais que possa existir; como cada um de nossos limitados sentidos no fim das contas se torna uma memória: memória de um perfume, de um toque, de um olhar perdido... Memória até mesmo do tempo que nos resta. Anselmo faz pensar se, o tempo só não existe para que cada um se lembre de si, e de sua mortalidade.

### **Referência Bibliográfica**

AGOSTINHO. **Confissões de Magistro**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.

CANTUÁRIA, A. Monólogo. **Os pensadores**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.p. 7-73.



<http://revistapandorabrasil.com>